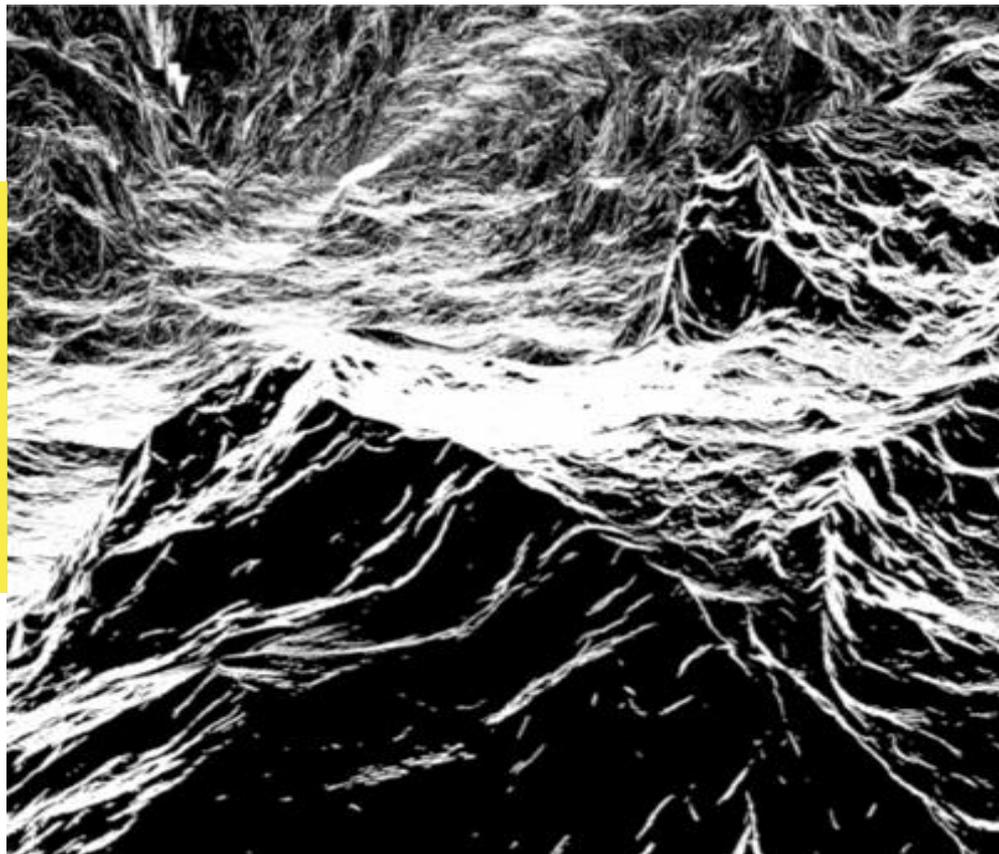


Corpo autovigiado e quantificado: A reconfiguração das relações sociais de género através das apps de automonitorização

Inês Amaral - FLUC / CECS

Rita Basílio de Simões - FLUC / ICNOVA



Contexto

- Novas configurações do ecossistema mediático (Chadwick, 2017)
- *Deep mediatization* (Couldry & Hepp, 2018)
- Participação ativa dos públicos (Jenkins, 2006)
- Redes de ação conetiva (Benett & Segerberg, 2012)
- Alteração das relações de género e práticas sexuais e reprodutivas a partir da tecnologia (Lupton, 2019)

Contexto

- Consumo cross-media (Schröder, 2011)
- Novos padrões de utilização, práticas, consumo e participação através de plataformas (Amaral, 2016)
- Reconfiguração das práticas sócio-técnicas (boyd, 2015)
- As pessoas envolvem-se com os imaginários das m-apps, (re)negociando a partir deles as suas identidades sexuais e de género

Argumentos

- O género e a sexualidade são construídos e reconstruídos em imaginários e usos de aplicações móveis.
- Os usos tecnológicos têm lugar e provêm de terrenos culturais e ideológicos específicos, (re)produzindo diferentes tipos de estruturas e hierarquias sociais.
- As m-apps são espaços sociais de género que, a partir de lógicas binárias, convidam os utilizadores a darem sentido aos seus dados de acordo com masculinidades e feminilidades normativas.

m - apps

- Identidade digitalizada e vigiada com o auto-rastreamento voluntário da vida quotidiana.
- M-apps produzidas em ambientes sociais moldados por expectativas e normas de género que estruturam o envolvimento das pessoas.
- Perspetiva feminista: as tecnologias de vigilância desempenham funções disciplinares.
- M-apps transformaram-se em tecnologias digitais do corpo.

m - apps

- Ferramentas disciplinares poderosas sem precedentes.
- Tecnologias digitais do corpo.
- Duplo olhar analítico sobre as m-apps: i). natureza simbólica das aplicações, ii). dimensão experiencial.
- Auto-monitorização e auto-quantificação de hábitos sexuais e reprodutivos: a perspetiva positiva e a preocupação com a vigilância digital.

Argumentos

- Perspetiva crítica compreendendo as ferramentas da tecnologia digital como produtos socioculturais.
- Natureza simbólica e a dimensão experiencial das aplicações de self-tracking e self-quantifying.

Ponto de partida

- Como as aplicações de autorrastreo estão a remodelar não só as práticas individuais quotidianas, mas também as relações de género e o corpo sexual e reprodutivo.

Identities de género e tecnologias digitais

- Género como construção social
- Identities discursivamente construídas e sistema de relações sociais de dominação e subordinação nas aplicações digitais
- Tecnologia produz significado, subjetividade e agência
- Complexa interação entre as ferramentas tecnológicas e os seus usos e apropriações
- Aplicações de auto-monitorização, auto-medição e auto-controlo ainda colocam desafios sem precedentes.

Perspetivas sobre género e vidas mediadas

- Ponto de partida comum: usos e gratificações das práticas digitais, enfatizando os efeitos positivos ou prejudiciais do uso tecnológico.
- As gramáticas e as políticas de plataformas das aplicações móveis podem limitar os desempenhos de identidade dos utilizadores.
- Interfaces mediadas e *affordances* reproduzem ou desafiam padrões normativos de género e sexualidade.
- Mediação tecnológica do género cruza-se com as culturas visuais, intimidade mediada, representação corporal e cultura sexual digital, convidando a certos tipos de construção e negociação de identidade social.

Perspetiva feminista materialista

- De uma nova perspetiva materialista feminista, a dinâmica do envolvimento das pessoas com outras pessoas e objetos é profundamente produtiva.
- A partir desta abordagem, o género é uma realização recorrente interligada com arranjos sociais específicos e com as relações de poder que estes estabelecem.

Identidades de género e sexuais e a sua quantificação

- Traçar identidades digitais de género implica compreender como os algoritmos favorecem certas representações e certas subjetividades e não outras
- Movimento *Quantified Self* - a ideia de otimizar a própria vida
- Aplicações de *self-tracking* como Sex Life (Android) e Nice (iOS)
- Redução da atividade sexual a números, promovendo "uma boa vida sexual", "bom sexo" e "bom desempenho e estereótipos de género"
- A gamificação da sexualidade – auto-medição voluntária que gera milhões de dados e dólares

Identidades de género e sexuais e a sua quantificação

- “Vigilância participativa”.
- “vulnerabilidades algorítmicas” criadas pelos novos ambientes de “datificação”.
- Os imperativos neoliberais incorporados nestas tecnologias: maximizar e otimizar o indivíduo.
- De uma perspectiva feminista, a tecnologia tem sempre desempenhado funções disciplinares.

Questionar criticamente

- É crucial questionar por que razão as aplicações destinadas às mulheres se concentram no corpo sexual e reprodutivo em vez de se centrarem em desempenhos sexuais lúdicos.
- As características corporais são principalmente transformadas em dados digitais quantificáveis, observáveis através de gráficos e outras representações visuais, o que leva à ideia de que reificam retratos estereotipados de feminilidade patriarcal e heteronormatividade.



mygender.uc.pt



[@MyGender_](https://twitter.com/MyGender_)



fb.com/MyGender



[@MyGender_](https://www.instagram.com/MyGender_)



mygender@fl.uc.pt

